



O trabalho dos professores com alunos disléxicos nos anos iniciais da alfabetização

Adriano Vieira

Professor da rede municipal de Curitiba. Diretor do SISMMAC – Gestão Novos Rumos (2014 – 2017)
Especialista em Atendimento Educacional Especializado - Educação Inclusiva pela Unicesumar
E-mail: adryeira@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar aos profissionais da educação a importância do diagnóstico e acompanhamento multidisciplinar da criança disléxica, com base no trabalho dos professores com os alunos disléxicos nos anos iniciais da alfabetização. Inicialmente, será apresentado o conceito de dislexia que é o comprometimento acentuado no desenvolvimento das habilidades de reconhecimento das palavras e da compreensão da leitura. Em seguida, são apresentados os tipos de dislexia: visual, auditiva, mista, profunda, fonológica, da negligência, morfêmica ou semântica para facilitar a sua identificação. Por último, os métodos necessários: fônico e multissensorial para que o aluno disléxico possa acompanhar seus estudos de maneira tranquila. Para o desenvolvimento do presente trabalho, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. A mesma mostrou que, apesar de os professores saberem sobre a possibilidade de haver alunos disléxicos em suas salas de aula, ainda não conseguem identificá-la para poder intervir adequadamente. Como conclusão, pelas informações apresentadas, o professor torna-se capaz de identificar em seus alunos o distúrbio de aprendizagem em questão, para tomar as devidas providências dentro da sala de aula e com a família do disléxico, podendo contar com a ajuda da intervenção psicopedagógica e equipe multidisciplinar, para investir nele como aluno, como pessoa e como cidadão.

Palavras-chave: Dislexia, Características, Diagnóstico, Métodos.

INTRODUÇÃO

Após a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, ocorreram muitas transformações no “universo escolar”. Como por exemplo, o que consta no artigo 23 permite que ocorra uma mudança “sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar”. Desta forma, aparados pela LDB, os estados de São Paulo e Paraná optaram pelo sistema de Ciclo de Aprendizagem¹, conforme consta no artigo citado, e não mais o sistema seriado. Na cidade de Curitiba, foi implantado o novo sistema de ensino em 1999. Porém, muitos alunos ainda são reprovados no final dos Ciclos I e II, mesmo com o novo sistema escolar, por apresentarem dificuldades de aprendizagem. Entre elas, a dislexia se destaca por estar relacionada às dificuldades de leitura e escrita, que são fundamentais no processo de aprendizagem.

Sabendo-se que “a linguagem é fundamental para o sucesso escolar, pois está presente em todas as disciplinas e todos os professores são potencialmente professores de linguagem, porque utilizam a língua materna no processo ensino-aprendizagem” (LOPES e OLIVEIRA, 2007, p. 01), o presente trabalho busca encontrar, apresentar e discutir os métodos para o trabalho com alunos com dificuldades de aprendizagem.

Os objetivos traçados para realização do mesmo são: apresentar aos profissionais da educação a importância do diagnóstico precoce e o valioso acompanhamento multidisciplinar da criança disléxica, conceituar dislexia, investigar os tipos de dislexia, identificar os principais sinais e sintomas da dislexia e conhecer as intervenções ou métodos necessários para o trabalho com o aluno disléxico.

O interesse pelo tema nasceu dentro da própria sala de aula onde nós, professores, vemos alunos com dificuldades relacionadas à leitura, escrita e soletração. Diante de tais dificuldades, ficamos perplexos buscando respostas, sem saber como identificar e intervir para que os alunos consigam acompanhar seus estudos.

Para encontrar tais respostas, iniciamos conceituando dislexia. Em seguida, apresentamos os ti-

pos de dislexia para facilitar a identificação da mesma. Concluímos com os métodos fônico e multis sensorial para intervir no trabalho com os alunos disléxicos de modo a garantir a alfabetização dos mesmos, bem como um breve relato de como é o procedimento da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Curitiba em relação à Avaliação Diagnóstica de Aprendizagem dos alunos com distúrbios de aprendizagem.

CONHECENDO O CONCEITO DE DISLEXIA

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia (2010), a dislexia é definida como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, sendo o distúrbio de maior incidência nas salas de aula.

Etimologicamente, a palavra dislexia vem do grego (dys = dificuldade); (lexis = palavra), ou seja, “é o comprometimento acentuado no desenvolvimento nas habilidades de reconhecimento das palavras e da compreensão da leitura”. (DSM – IV-TR, 2003)

O primeiro passo é o de começar pela descrição e explicação da dislexia. Uma criança com deficiência mental, por exemplo, não pode ser apontada como disléxica, porque a etiologia de sua dificuldade é orgânica, portanto, de natureza clínica e não exclusivamente cognitiva ou escolar. É verdade que um adulto, depois de um acidente vascular cerebral, poderá vir a apresentar dislexia. Nesse caso, trata-se, realmente, de uma dislexia adquirida, de natureza neurolinguística e que só com o apoio médico é que podemos intervir adequadamente, nesses casos:

Assim, tanto para a dislexia congênita (também chamada verdadeira porque uma criança já pode herdar tal dificuldade dos pais) como para a dislexia adquirida (surge após um AVC ou traumatismo), é importante salientar que os docentes, pais e psicopedagogos, especialmente estes últimos, conheçam melhor os fundamentos psicolinguísticos da linguagem escrita, compreendendo, assim, o processo de aquisição da habilidade leitora e os processos psicológicos envolvidos na habilidade. Realmente, sem o conhecimento da arquitetura funcional, do que ocorre com o cérebro dos disléxicos, durante o processamento leitor, toda intervenção corre o risco de ser inócua ou contraproducente (MARTINS, 2011, p.2).

A dislexia é considerada uma dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita, não sendo considerada como uma doença, mas sim como um distúrbio que apresenta várias características e que, muitas vezes, se confunde com outros

¹ Nos Ciclos de Aprendizagem, a organização dos grupos e a promoção dos alunos baseiam-se na idade dos alunos. Ao final de dois ou três anos de duração, os alunos que não atingiram os objetivos do Ciclo podem ser reprovados (...). (MAINARDES, 2005, p. 19 apud SILVA, Aparecida Maria, 2006, p. 22)

diagnósticos mais simples, como por exemplo, a disortografia², disgrafia³, etc.

Em síntese, a dislexia provoca uma desordem da linguagem porque impede as relações entre a linguagem auditiva e a linguagem visual, ou seja, a linguagem receptiva e expressiva.

Dentro da Psicopedagogia, a dislexia classifica-se da seguinte forma:

Congênita: *é a dislexia que nasce com o indivíduo. Pode ter as mais variadas causas e tem características próprias como por exemplo, uma comprovada alteração hemisférica cerebral, onde os hemisférios encontram-se com tamanhos invertidos ou em tamanhos exatamente iguais, quando o considerado normal é que o esquerdo seja maior que o direito. Em consequência desta alteração, o indivíduo disléxico tem pouca ou nenhuma habilidade para a aquisição de leitura/escrita, geralmente não chega a ser alfabetizado e, quando o é, não consegue ler/escrever por muito tempo e, quando termina de ler/escrever já não se lembra de nada. Dislexia ocasional: é a dislexia causada por fatores externos e que aparece ocasionalmente. Pode ser causada por esgotamento do Sistema Nervoso/estresse, excesso de atividades, e em alguns casos considerados raros por TPM e/ou hipertensão. Se este tipo de Dislexia for diagnosticado, não há a necessidade de grandes tratamentos. Apenas repouso, talvez umas boas férias, uma mudança de horários/rotina e tudo voltará ao normal. (OLIVIER, 2011, p. 48-50).*

Dislexia adquirida é a dislexia que vem por meio de um acidente qualquer, a afasia, distúrbio que resulta de um acidente vascular cerebral, um derrame, tumor cerebral. Pode acontecer também de o paciente acidentado passar por períodos e fases de dislexia. “Nestes períodos, ele não consegue ler e escrever ou o faz com muita dificuldade, tem falhas de memória e pode também apresentar problemas de lateralidade”. (OLIVIER, 2011, p.51)

TIPOS DE DISLEXIA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Dentro das classificações, podemos encontrar os tipos de dislexia que são: visual, auditiva, mista, profunda, fonológica, da negligência, morfológica ou semântica.

A dislexia visual é a dificuldade para seguir e reter sequências visuais e para a análise e integração visual de quebra-cabeças e tarefas similares. Esta dificuldade caracteriza-se pela inabilidade para captar o significado

dos símbolos da linguagem impressa. A maioria percebe letras invertidas assim como algumas partes das palavras também invertidas e tem problemas com as sequências. Este tipo de dislexia é o mais fácil de corrigir, por meio de exercícios adequados. Pode-se aprender os signos gráficos com precisão e gradualmente aprender sequências. Porém, a lentidão pode persistir.

A dislexia visual tem como característica problemas de orientação direita/esquerda, disgrafia ou fraca qualidade da letra, erros de leitura que implicam aspectos visuais (inversão de letras, p/q), erros ortográficos, etc. Conforme Capovilla (2004, p.56), “Na dislexia visual, há distúrbios na análise visual das palavras. Os erros de leitura mostram uma semelhança visual entre a escrita da palavra pronunciada e a da palavra alvo”. Por exemplo, diante de “bandagem” ler “bobagem”.

De acordo com Capovilla, temos ainda a dislexia da negligência, na qual os distúrbios aparecem também na área visual. O leitor ignora partes das palavras, geralmente sendo a parte inicial. “Há distúrbios também no reconhecimento global de palavras, ou seja, no processamento paralelo às letras. A leitura é feita corretamente somente após a soletração, em voz alta ou não, de cada letra” (CAPOVILLA, 2004, p.56-57).

A dislexia auditiva é a dificuldade de discriminar os sons de letras, reconhecer variações de sons, sequências de palavras, ordens e histórias. Esta é a forma de dislexia mais difícil de corrigir e radica na inabilidade de perceber os sons separados (descontínuos) da linguagem oral. A maioria dos disléxicos auditivos apresenta uma audição normal. A sua faculdade discriminativa auditiva traz, como consequência, grandes dificuldades no ditado e na composição.

As características da dislexia auditiva são atraso da linguagem, deficiências na fala, erros na leitura por problemas nas correspondências grafema, fonema e erros na escrita por problemas nas correspondências fonema-grafema.

O ensino da fonética tradicional carece de sentido para eles. Também apresentam dificuldades em repetir palavras que rimem, aplicar generalizações fonéticas e pronunciar palavras com exatidão. Tendo estas crianças obstruídas as relações fundamentais de sons e símbolos da linguagem o seu transtorno torna difícil de corrigir, e as ideias e exercícios especialmente pensados para eles requerem muita paciência, tanto para o docente como para a criança. Regra geral, os disléxicos auditivos devem delinear os seus próprios exercícios de soletrar e outras tarefas análogas.

²“Disortografia (ou Perturbação da Expressão Escrita segundo o DSM 5) é uma perturbação que afeta as aptidões da expressão escrita, em particular a precisão (i.e., a correção) ortográfica, a organização/estruturação das frases, bem como as regras gramaticais e morfosintáticas”. MOURA, Octávio (2014).

³“Alteração da escrita que afeta na forma ou no significado, sendo do tipo funcional. Perturbação na componente motora do acto de escrever, provocando compressão e cansaço muscular, que por sua vez são responsáveis por uma caligrafia deficiente, com letras pouco diferenciadas, mal elaboradas e mal proporcionadas”. (APPDAE, 2009).



No caso da dislexia de negligência, os distúrbios também estão no sistema de análise visual, e o leitor consistentemente ignora partes das palavras, geralmente deixando de ler a parte inicial.

Há dificuldade com letras cursivas, pois a separação das letras é menos evidente, sendo mais fácil ler palavras escritas em letra de forma.

Na dislexia profunda ou fonética, encontram-se erros de tipo semântico, dificuldade para compreender o significado das palavras, com adição de prefixos e sufixos e maior facilidade para as palavras de conteúdo que para as de função.

Já na dislexia fonológica, sobre a qual existem poucos trabalhos, encontra-se menos erros que na profunda.

Quanto à dislexia fonológica:

Há dificuldades na leitura pela rota fonológica, que faz uso do processamento fonológico. Porém, a leitura visual direta pela rota lexical está preservada. Logo, há dificuldades na leitura de pseudopalavras desconhecidas, mas a leitura de palavras familiares é adequada. Representa cerca de 67% dos quadros disléxicos. (BODER, 1973, apud CAPOVILLA, 2004, p.57).

No que diz respeito à dislexia morfêmica ou semântica, “a leitura pela rota lexical é muito difícil, sendo que a leitura se realiza pela rota fonológica. Ela representa 10% dos casos de dislexia” (CAPOVILLA, 2004 p.57), ou seja, há dificuldades na leitura pela estratégia ortográfica, sendo a leitura feita principalmente pela estratégia alfabética. Logo, há dificuldades na leitura de palavras irregulares e longas, com regularizações.

Na dislexia mista, existe uma somatória das duas anteriores. Nesse caso, os disléxicos apresentam problemas para operar tanto com a rota fonológica quanto com a lexical. São, assim, situações mais graves e exigem um esforço ainda maior para atenuar o comprometimento das vias de acesso ao léxico.

IDENTIFICANDO OS PRINCIPAIS SINAIS DA DISLEXIA

Para Ianhez (2002, p. 33), estes são sinais importantes de dislexia na idade escolar. Assim, da maneira que está relacionado, proporciona uma forma mais fácil de identificação por parte dos professores e até mesmo dos familiares do aluno.

- Lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e escrita;
- Trocas ortográficas ocorrem, mas dependem do tipo de dislexia;
- Problema para reconhecer rimas e aliterações (fonemas repetidos em uma frase);
- Desatenção e dispersão;
- Desempenho escolar abaixo da média, em matérias específicas, que dependem da linguagem escrita;

- Melhores resultados, nas avaliações orais, do que nas escritas;
- Dificuldade de coordenação motora fina (para escrever, desenhar e pintar) e grossa (é descoordenada);
- Dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro;
- Problema de lateralidade (confusão entre esquerda e direita, ginástica);
- Dificuldade de expressão: vocabulário pobre, frases curtas, estrutura simples, sentenças vagas;
- Dificuldade em manusear mapas e dicionários;
- Esquecimento de palavras;
- Problemas de conduta: retração, timidez excessiva e depressão;
- Desinteresse ou negação da necessidade de ler;
- Leitura demorada, silabada e com erros. Esquecimento de tudo o que lê;
- Salta linhas durante a leitura, acompanha a linha de leitura com o dedo;
- Dificuldade em matemática, desenho geométrico e em decorar sequências;
- Desnível entre o que ouve e o que lê. Aproveita o que ouve, mas não o que lê;
- Demora demasiado tempo na realização dos trabalhos de casa;
- Não gosta de ir à escola;
- Apresenta “picos de aprendizagem”, nuns dias parece assimilar e compreender os conteúdos e noutro, parece ter esquecido o que tinha aprendido anteriormente;
- Pode evidenciar capacidade acima da média em áreas como: desenho, pintura, música, teatro, esporte, entre outros.

Cabe aos professores ao perceberem um ou mais sinais citados acima, encaminhar o caso à equipe pedagógica da escola para serem tomadas as devidas providências, conforme o protocolo de cada unidade escolar. Tendo como exemplo a cidade de Curitiba, ao perceber alguns dos sinais citados

acima ou muita dificuldade de aprendizagem mesmo após as diversas intervenções do professor, o aluno é encaminhado para uma Unidade de Saúde para ser avaliado pelo profissional responsável. Conforme as orientações das Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba, o procedimento a ser seguido é:

Antes do encaminhamento para a avaliação, o professor e a equipe pedagógico-administrativa da escola devem buscar alternativas de atendimento e intervenções referentes à aprendizagem do estudante, em colaboração com a pedagoga do Núcleo Regional de Educação a que pertence a escola. Esgotadas todas as possibilidades, faz-se o encaminhamento para a avaliação psicoeducacional. (RICHÁ; FRUET; WEKERLIN; SCATOLIN; MILLÉO; SALAMUNES; SÁ; ABRÃO (ORG.), 2006, p.16)

Em alguns casos, o aluno é solicitado a fazer uma Avaliação Diagnóstica de Aprendizagem (ADP)⁴. Maszkat e Rizzutti lembram que:

A avaliação diagnóstica para alunos com “suspeita” de dislexia, “deve abranger três aspectos: avaliação da eficiência da leitura e os tipos de erro na escrita; identificação da rota preferencial que a criança utiliza para leitura; discrepância entre o mal desempenho na leitura quando comparado com o seu desempenho cognitivo”. (MASZKAT e RIZZUTTI, 2012, p. 62).

Após a realização desta avaliação, são analisados os resultados por uma equipe multidisciplinar que atua nos Centros Municipais de Atendimento Especializados (CMAEs), confirmado algo após a avaliação da equipe, o aluno é encaminhado para projetos que o auxiliarão no seu aprendizado da melhor forma possível tais como: sala de recursos, classes especiais e sala de recursos multifuncionais. Todas as ações são orientadas e supervisionadas pela Coordenadoria de Atendimento às Necessidades Especiais (CANE)⁵ da SME. Os CMAEs começaram a funcionar em Curitiba a partir de 1989.

⁴ Os CMAEs realizam um trabalho específico através de dois serviços: Avaliação Diagnóstica Psicoeducacional e Atendimento Terapêutico-Educacional com suporte de caráter preventivo, através de serviços especializados.

⁵ A CANE tem como finalidade coordenar processos referentes à orientação e ao atendimento de educandos da Rede Municipal de Ensino que apresentam deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, transtorno de conduta e necessidades educacionais específicas, com base nos fundamentos da educação inclusiva e dos eixos norteadores das diretrizes da Secretaria Municipal da Educação.

Vale ressaltar que, todo este processo de realização e conclusão da avaliação por parte dos profissionais que atendem nos CMAEs é muito moroso, pois atualmente são somente oito Centros Especializados para atender a demanda de toda cidade. Acarretando assim, “prejuízos” para os alunos, que necessitam de projetos que auxiliam no desenvolvimento de suas aprendizagens em tempo hábil.

METODOLOGIAS PARA O TRABALHO COM O ALUNO DISLÉXICO

Posteriormente às avaliações da criança disléxica, iniciam-se as intervenções e nesta fase é necessário que a família dê todo o apoio necessário à criança, da mesma forma toda a “comunidade” escolar a qual a criança está inserida. Pois, o “elo” entre a escola e os pais ou responsáveis sempre traz muitos benefícios em todos os sentidos para os educandos com ou sem necessidades especiais.

Partindo do pressuposto de que a dislexia não tem cura, a criança vai aprender de acordo com seu tempo e seu tratamento. Ela deve ser acompanhada por especialistas como um fonoaudiólogo, psicopedagogo, conforme cada caso. É fundamental o professor ter a plena consciência que cada aluno é bem diferente do outro, principalmente intelectualmente, ou seja, uma sala de aula tem muitos níveis de aprendizagens, não tem como o professor querer ensinar todos os alunos de forma padronizada cada conteúdo e, além do mais, o professor tem que conhecer muito bem cada aluno durante a caminhada escolar. É fundamental que a cada ano letivo ou chegada de cada novo aluno, o professor busque resgatar e explorar a bagagem de conhecimento que o aluno já traz consigo, assim como experiências vivenciadas com seus pares, buscando, dessa forma, uma aprendizagem significativa e proveitosa para ambos. Coll, Marchesi e Palacios afirmam que:

Os professores devem conhecer bem as possibilidades de aprendizagem dos alunos, os fatores que os favorecem e as necessidades mais específicas deles. Somente com tal conhecimento poderão ser ajustadas as ajudas pedagógicas ao processo de construção pessoal de cada aluno. Conhecer bem os alunos

implica interação e comunicação intensas com eles. (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004, p. 294).

De acordo com Capovilla, “durante o processo de intervenção pedagógica na dislexia, dois métodos são indicados: o método multissensorial e o método fônico”. (2004, p.63).

O método multissensorial tem o objetivo de trabalhar a criança, de modo que ela possa aprender a dar respostas automáticas e duradouras, através de nomes, sons e fonemas, com o intuito de desenvolver a habilidade de sequenciar palavras. É indicado para crianças mais velhas, que já possuem histórico de fracasso escolar.

A principal técnica do método multissensorial é o soletrar oral simultâneo, em que a criança inicialmente vê a palavra escrita, repete a pronúncia da palavra fornecida pelo adulto e escreve a palavra dizendo o nome de cada letra. Ao final, a criança lê novamente a palavra que escreveu. A vantagem desta técnica é fortalecer a conexão entre a leitura e a escrita. (CAPOVILLA, 2004, p.63)

A educadora e médica Maria Montessori foi uma das grandes precursoras do método multissensorial. “Ela defendia a participação ativa da criança durante a aprendizagem, e o movimento era visto como um dos aspectos mais importantes da alfabetização”. (MASZKAT e RIZZUTTI, 2012, p. 69).

Maszkat e Rizzutti, também destacam que:

O método multissensorial busca combinar diferentes modalidades sensoriais para promover o ensino da linguagem escrita às crianças. Ao unir as modalidades auditiva, visual, cinestésica e tátil, esse método facilita a leitura e a escrita ao estabelecer a conexão entre aspectos visuais (a forma ortográfica da palavra), auditivos (a forma fonológica) e cinestésicos (os movimentos necessários para escrever aquela palavra). (MASZKAT; RIZZUTTI, 2012, p. 69)

Outro método bastante eficaz, segundo alguns pesquisadores como Capovilla (2004), para auxiliar no processo da alfabetização é o fônico. Porém, na cidade de Curitiba, não é “permitido” aplicar este método no ensino regular. Ele só é recomendado após ser comprovado algum distúrbio de aprendizagem e somente pode ser aplicado nas salas de recursos, ou seja, para poucos alunos. No ensino regular, o método pedagógico indicado é o global (analítico)⁶. Não

⁶ “A principal característica que diferencia o método sintético do analítico é o ponto de partida. Enquanto o primeiro parte do menor componente para o maior, o segundo parte de um dado maior para unidades menores. Justificando o método analítico, Nicolas Adam, responsável por suas bases, vai utilizar-se de uma metáfora, dizendo que, quando se apresenta um casaco a uma criança, mostra-se ele todo, e não a gola, depois os bolsos, os botões etc. Adam afirma que é dessa forma que uma criança aprende a falar, portanto deve ser da mesma forma que deve aprender a ler e escrever, partindo do todo, decompondo-o, mais tarde, em porções menores. Para ele, era imprescindível ressaltar a importância que a criança tem de ler e não decifrar o que está escrito, isso quer dizer que ela tem a necessidade de encontrar um significado afetivo e efetivo nas palavras”. (<http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/coordenadoria-de-atendimento-as-necessidades-especiais-/3790>).

cabe descrever aqui se é correto ou não este método de ensino adotado pela Rede Municipal de Educação de Curitiba. Mas sim, apresentar o que alguns autores afirmam sobre o método fônico.

O método fônico é indicado para crianças mais jovens e deve ser introduzido logo no início da alfabetização.

O método fônico tem dois objetivos principais: desenvolver as habilidades metafonológicas e ensinar as correspondências grafo-fonêmicas. Este método baseia-se na constatação experimental de que as crianças disléxicas têm dificuldade em discriminar, segmentar e manipular, de forma consciente, os sons da fala. (CAPOVILLA, 2004, p.64).

Maszkat e Rizzutti ressaltam que:

Essa dificuldade, porém, pode ser diminuída significativamente com a introdução de atividades explícitas e sistemáticas de consciência fonológica, durante ou mesmo antes da alfabetização. Ler e escrever são atividades complexas e requerem um treinamento específico e são necessárias instruções sobre a relação entre as letras e os sons para que a criança possa codificar fonograficamente (a partir da fala escrever) e decodificar grafonemicamente (a partir da palavra decodificara o texto e produzir a fala). O método fônico evoca a fala, a mesma fala com a qual a criança pensa e se comunica. Por isso é um método natural. (MASZKAT e RIZZUTTI, 2012, p.70)

Para a alfabetização, a cada letra introduzida, é importante dar ênfase na relação do nome/som, salientando a forma correta, através de um ensino sistemático e cumulativo, verificando a sua eficácia.

Coll (2004) afirma que os professores geralmente têm em suas salas de aula alunos com diferentes níveis da linguagem comunicativa linguística, quanto ao uso da linguagem, sua procedência social e cultural.

Assim, cabe ao professor estar atento aos seus alunos, quanto às suas características e diferentes níveis de aprendizagem e na suspeita de um sintoma, sugerir um encaminhamento clínico para um real diagnóstico.

Caso o diagnóstico venha a ser confirmado por uma equipe multidisciplinar, o professor, juntamente com a família, deverá realizar um trabalho no sentido de resgatar a autoconfiança da criança, dando ênfase às suas habilidades, desenvolvendo-as cada vez mais, para que o mesmo não se sinta descreditado diante de suas dificuldades.

Para o aluno disléxico, o ideal é que ele se sente na primeira carteira, em frente ao quadro, perto do professor. O professor tem papel fundamental no

acompanhamento ao aluno disléxico: as aulas devem ser elaboradas com um material visual, claro, criativo para que possa chamar a atenção do aluno; “não exigir bom desempenho em aulas muito teóricas, não ridicularizá-lo, nem permitir que seus colegas o ridicularizem por não acompanhar a turma” (OLIVIER, 2011, p. 67).

Nesta mesma proposta, Maszkat e Rizzutti (2012, p. 85) destacam mais algumas sugestões comportamentais que consideram importantes para que o “aluno se sinta seguro, querido e aceito pelo professor e pelos colegas”. Vejamos:

- A criança com dislexia tem uma história de fracasso e cobranças que a faz se sentir incapaz. Motivá-la exigirá de nós mais esforço e disponibilidade do que dispensamos aos demais;
- Não receie que seu apoio ou atenção vá acomodar o aluno ou fazê-lo sentir-se menos responsável. Depois de tantos insucessos e autoestima rebaixada, ele tende a demorar mais a reagir para acreditar nele mesmo;
- Incentive o aluno a restaurar a confiança em si próprio, valorizando o que ele gosta e faz bem feito;



- Interesse-se pela criança com dislexia e pelas suas dificuldades e especificidades, e deixe que ela perceba esse interesse, para que sinta confortável em pedir ajuda;
- Ressalte os acertos, ainda que pequenos, e não enfatize os erros;
- Elogie de forma verdadeira, o que a criança com dislexia fizer ou disser bem, dando-lhe a oportunidade de “brilhar”;
- Nunca partir do pressuposto de que o aluno com dislexia é preguiçoso ou descuidado;
- Valorize o esforço e o interesse do aluno;
- Atribua-lhe tarefas que o façam sentir-se útil;
- Evite usar a expressão “tente se esforçar” ou outras semelhantes, pois o que ele faz é o que é capaz de fazer no momento;
- Fale francamente sobre suas dificuldades sem, porém, fazê-lo sentir-se incapaz, mas auxiliando-o a superá-las;
- Respeite o seu ritmo, pois a criança com dificuldade de linguagem tem problemas de processamento da informação. Ela precisa de mais tempo para pensar, para dar sentido ao que ela viu ou ouviu;
- Um professor pode elevar a autoestima de um aluno estando interessado nele como pessoa.

E, para finalizar, após os estudos na pós-graduação e pelas leituras feitas com base nas obras citadas nas referências, ficou nítido que é fundamental o papel do educador no trato com as crianças com dislexia para alcançar o sucesso no processo pedagógico. O professor precisa conversar com a crian-

ça e explicar o seu problema, tratar o assunto com mais naturalidade possível. Procurar sempre sentar ao lado dela nos momentos da realização das atividades, não a pressionar com o tempo para finalizar rápido as lições, não estabelecer competições com os outros alunos, ser flexível quanto ao conteúdo das lições e certificar-se de que a tarefa de casa foi entendida pela criança, solicitar aos pais que releiam com ela as instruções. Evitar anotar todos os erros na correção (dando mais importância ao conteúdo), “não corrigir com caneta vermelha (isso fere a suscetibilidade da criança com problemas de aprendizagem), e procurar descobrir os interesses e leituras que prendam a atenção da criança”. (OLIVIER, 2011, p. 68).

O professor deverá, sempre que possível, manter contato com o profissional que atende a criança, acompanhando o seu progresso e trocar informações sobre os resultados, método e as práticas realizadas, as que tiveram sucesso ou não, com o aluno disléxico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa traçou os seguintes objetivos: conceituar dislexia, investigar os tipos de dislexia, identificar os principais sinais e sintomas da dislexia, conhecer as intervenções necessárias para o trabalho com o aluno disléxico.

O interesse pelo tema nasceu dentro da própria sala de aula onde vemos alunos com dificuldades relacionadas à leitura, escrita e soletração. Diante de tais dificuldades ficamos perplexos buscando respostas, sem saber como identificar e intervir para que os alunos consigam acompanhar



seus estudos de maneira tranquila.

A dislexia é um distúrbio que, apesar de presente nas escolas brasileiras, ainda é pouco conhecido. Por isso a importância de conceituá-la, buscando compreender que distúrbio é esse que tem limitado os nossos alunos a lerem, escreverem e soletrarem.

De acordo com a pesquisa, foi possível perceber que conhecer os tipos de dislexia é imprescindível para poder identificá-la e realizar um trabalho multiprofissional de forma que assegure a alfabetização dos alunos que convivem com esse distúrbio.

Com a realização deste trabalho foi possível conhecer autores que se preocupam com as dificuldades de aprendizagem presentes em nossas salas de aula apresentando para isso formas de intervir para que o sucesso escolar desses alunos aconteça. Tal intervenção foi apresentada com os métodos fônico e multissensorial.

O método fônico é indicado para crianças mais jovens e deve ser introduzido logo no início da alfabetização. “Este método baseia-se na constatação experimental de que as crianças disléxicas têm dificuldade em discriminar, segmentar e manipular, de forma consciente, os sons da fala”. (CAPOVILLA,

2004,p.64). É indicado para crianças mais jovens.

O método multissensorial tem o objetivo de trabalhar a criança, de modo que ela possa aprender a dar respostas automáticas e duradouras, através de nomes, sons e fonemas, com o intuito de desenvolver a habilidade de sequenciar palavras. É indicado para crianças mais velhas, que já possuem histórico de fracasso escolar.

O professor, ao identificar que o aluno tem tal distúrbio, deve também juntamente com a família realizar um trabalho no sentido de resgatar a autoconfiança da criança, dando ênfase às suas habilidades, desenvolvendo-as cada vez mais, para que o mesmo não se sinta desacreditado, diante de suas dificuldades.

Referências bibliográficas:

- APPDAE **Associação portuguesa de pessoas com dificuldades de aprendizagem específicas**. (2009). Disponível em: <http://www.appdae.net/disgrafia.html>, acesso: em 10 de outubro de 2014.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2014.
- CAPOVILLA, Fernando César. **Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2004.
- COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús. **Desenvolvimento Psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3 v.
- CURITIBA, UNIDADES EDUCACIONAIS. **Coordenadoria de atendimento às Necessidades Especiais - Cane**. Disponível em: <http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/coordenadoria-de-atendimento-as-necessidades-especiais/3790>, acesso: 19 de outubro de 2014.
- CURITIBA, SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba Volume 4 - 2006**. Disponível em: <http://www.educacao.curitiba.pr.gov.br/conteudo/coordenadoria-de-atendimento-as-necessidades-especiais/3790>, acesso: 19 de outubro de 2014.
- GENTILE, Paola. **Os ciclos como opção de sistema de ensino**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/novo-tempo-escola-ciclos-424749.shtml>, acesso: 17 de outubro de 2014.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- IANHEZ, Maria Eugênia e NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. São Paulo: Elsevier, 2002.
- LOPES, Cilene Knauf; OLIVEIRA, Carmem Inêz de. **A Dislexia na ótica do psicopedagogo**, 2007.
- MARTINS, Vicente. **Como conhecer o cérebro dos disléxicos**. Sobral, 2011.
- MUSZKAT, Mauro; Rizzutti, Sueli. **O Professor e a Dislexia**, São Paulo: Cortez, 2012.
- MOURA, Octávio. **Portal da Dislexia**. Disponível em: <http://dislexia.Pt>, acesso em 15 de agosto de 2014
- OLIVIER, Lou de. **Distúrbios de aprendizagem e de comportamento**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- SILVA, Aparecida Maria. **Análise da implantação da Escola organizada em ciclos de aprendizagem na rede Municipal de Curitiba - 1997/2004**. Disponível em: <http://www.nupe.ufpr.br/maria.pdf>, acesso: em 10 de outubro de 2014.
- VIEGA, Sara. **Quais são os tipos de dislexia**. Disponível em: <http://saude.umcomo.com.br/articulo/quais-sao-os-tipos-de-dislexia-6023.html>, acesso: em 31 de julho de 2014.
- WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Método Analítico**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o>, acesso: 29 de outubro de 2014.